

A Performance do “Sotaque Pernambucano” no Especial de 50 anos do Jornal Nacional¹

Luan BORGES²

Adriana TELLES³

Centro Universitário Social da Bahia - UNISBA, Salvador, BA⁴

RESUMO

Apresenta-se parte do resultado de um estudo realizado para a conclusão do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. O presente trabalho buscou responder: como o jornalista Márcio Bonfim, convidado para representar o estado de Pernambuco, performou o chamado “sotaque pernambucano”, no Especial de 50 Anos do Jornal Nacional. A investigação teve como *corpus* de análise a edição apresentada pelo jornalista representante do estado e contou com dois tópicos de análise: as ocorrências das vogais médias em posição pretônica e das consoantes oclusivas linguodentais antes da vogal alta [i] (fonológica ou derivada), duas marcas características dos falares nordestinos, inclusive de Recife, capital de Pernambuco.

PALAVRAS-CHAVE: Sotaque; Jornal Nacional; Pernambuco; Telejornalismo.

INTRODUÇÃO

Existem estigmas que foram se consolidando ao longo do tempo sobre a presença dos sotaques na apresentação de telejornais, principalmente dos jornais de rede, como o Jornal Nacional, por exemplo. Esses estigmas, que fizeram frases como “jornalista não pode ter sotaque” se difundirem na sociedade, foram se consolidando por conta de práticas impostas por emissoras de TV que incentivaram processos de suavização de traços fonéticos presentes na fala humana.

Um acontecimento que se apresentou, inicialmente, com uma proposta que pareceu pretender quebrar com esse paradigma, foi o Especial de 50 anos do Jornal Nacional, ocorrido em 2019. O projeto visou comemorar o aniversário de cinco décadas da atração convidando para a apresentação do telejornal de maior alcance do país,

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pelo Centro Universitário Social da Bahia – Unisba. e-mail: luanborges394@gmail.com

³ Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC); mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). e-mail: aptelles@unisba.edu.br

⁴ Pesquisa desenvolvida em espaço acadêmico para conclusão do TCC no Centro Universitário Social da Bahia, Salvador - BA.

jornalistas das 26 unidades federativas do Brasil, mais do Distrito Federal. A proposta do especial, de acordo com discurso da própria Rede Globo de Televisão, foi apresentar “a história e o sotaque de cada estado brasileiro” (VASCONCELLOS, 2019, s.p.)⁵. As edições foram realizadas entre os dias 31 de agosto e 30 de novembro de 2019.

Diante dessas duas importantes ponderações, ou seja, da existência dos estereótipos construídos por conta de práticas de suavização de traços fonéticos da fala de apresentadores de telejornais de rede e de um especial voltado a levar à bancada o sotaque de cada estado brasileiro, é necessário analisar a relação, mais recentemente, que se estabelece entre linguística e telejornalismo.

O presente estudo faz parte de uma pesquisa maior, que compôs um Trabalho de Conclusão de Curso para título de graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, pelo Centro Universitário Social da Bahia - UNISBA. Para a apresentação de uma parte do estudo, ou seja, para a construção deste artigo, procedeu-se à análise da performance linguística de Márcio Bonfim, âncora que representou Pernambuco na primeira edição – o corpus – do Especial de 50 Anos do Jornal Nacional – o objeto. O programa apresentado por Bonfim foi realizado no dia 31 de agosto de 2019.

A edição do jornalista de Pernambuco foi catalogada para essa análise porque ele foi um dos dois profissionais representantes do Nordeste presentes em primeira convocatória⁶ para integrar o rodízio fixo do JN após o Especial. Como a edição de Bonfim foi a primeira, a de abertura da proposta, e ele esteve representando o segundo estado mais populoso da região, a recortamos para esta análise.

De natureza teórica e com abordagem qualitativa, a pesquisa tem cunho descritivo e foi desenvolvida de modo a responder à seguinte questão: como o chamado “sotaque pernambucano” foi performado pelo âncora convidado do estado na apresentação do Jornal Nacional? A análise observou a realização das vogais em posição pretônica e das consoantes /t/ e /d/ antes da vogal alta /i/ (fonológica ou derivada), dois traços fonéticos marcantes dos falares nordestinos (NASCENTES 1953 [1922]), (MOTA, 2008).

⁵ Renata Vasconcellos reforçou a ideia na edição do dia 27 de setembro de 2019, data que marcou a apresentação dos âncoras Carlos Tramontina, de São Paulo, e Priscila Castro, do Pará, na bancada do JN no especial de 50 anos.

⁶ A Rede Globo, posteriormente ao Especial de 50 Anos, convocou alguns jornalistas para integrarem o rodízio fixo da atração. Márcio Bonfim esteve presente na primeira chamada. Outras chamadas também foram realizadas posteriormente.

O JORNAL NACIONAL E A SUAVIZAÇÃO DOS SOTAQUES

O Brasil se coloca em 5ª posição quando os assuntos são extensão territorial e populosa (INGE 2021). Somando a isso uma história de colonização, descolonização e muitas transformações sociais em pouco mais de 520 anos, é improvável não haver inúmeras variações linguísticas nos falares brasileiros. Além disso, a mudança é própria da dinâmica das línguas, as quais, segundo Bagno (2006, p.4) têm uma realidade intrinsecamente heterogênea, variável, mutante e com estreito vínculo social.

Mesmo diante dessa pluralidade, não é difícil perceber que os repórteres e apresentadores dos telejornais brasileiros falam de maneira muito semelhante (MENDES, 2006, p.13). No caso do JN, além da origem dos profissionais, vindos majoritariamente da região Sudeste, outro fato explica essa semelhança nas formas de falar: o telejornal é um produto construído sobre tentativas de suavização e neutralização do sotaque, originárias de propostas de uniformização fonética, especialmente para a emissão da notícia em rede. Assim se construiu essa aparente neutralidade, o que muitos estudiosos denominam de sotaque de natureza ideológica (MENDES, 2006).

Sob a ideia de que a eliminação de traços fonéticos característicos de algumas regiões serve para evitar a incompreensão da notícia, a Central de Afiliadas à Rede Globo criou, em 1983, o Projeto de Desenvolvimento do Telejornalismo das Afiliadas (Prodetaf), com o propósito de “minimizar as distorções entre diferentes regiões do Brasil e criar um padrão de qualidade no telejornalismo de todas as emissoras da Rede Globo” (RIBEIRO, 2004, p.123). Com o projeto, a emissora efetivou uma divisão no jornalismo da casa, entre o que era produzido localmente e o que era feito para ser veiculado em cadeia nacional, justificando tal decisão pela necessidade de capacitar e de aperfeiçoar os jornalistas, a partir do acompanhamento de fonoaudiólogos (RIBEIRO, 2004).

Cabe ressaltar que, do ponto de vista da linguística, as perspectivas de padronização e neutralização deliberada do sotaque são fenômenos improváveis, já que se trata de uma marca do contexto cultural do indivíduo, conforme sua região de origem

(LIRA; RAMOS; ROAZZI, 2015), o torna inviável a uniformização, tendo em vista a construção de cada pessoa e a sua inserção natural em grupos. Além disso, o sotaque é inerente à fala humana, sendo inconcebível a realização de atos de fala desprovidos de sotaque.

Por um lado, sabe-se que há o argumento de que a eliminação de traços fonéticos característicos de algumas regiões serve para evitar incompreensões da notícia. Por outro lado, o jornalista Priolli, em *Antenas da Brasilidade* (2000), conta que a expansão gigantesca das emissoras sedes pela região Sudeste incentivou a propagação da cultura da região pelo Brasil através das transmissões realizadas pelas afiliadas da TV Globo. Segundo Priolli, isso fez com que culturas fortes como a nordestina perdessem chance de difusão autônoma.

Assim, um projeto como o Prodetaf, que pretendeu uniformizar a dicção jornalística nacional, pode ser pensado na chave do preconceito linguístico, um fenômeno que se manifesta com frequência em veículos de comunicação, conforme sinaliza Bagno (2007).

Para melhor compreendermos as relações entre a postura histórica do JN – a de corrigir “distorções” decorrentes das características regionais da fala em benefício da compreensão da notícia – e a ideia, hoje, de dar espaço à diversidade linguística em sua bancada, procedemos a uma pesquisa bibliográfica no campo dos estudos linguísticos, dando enfoque à realização das vogais médias pretônicas e das consoantes /t/ e /d/ antes da vogal alta /i/, duas das marcas mais assinaladas quando se trata dos falares nordestinos, conforme já mencionado, também de Recife, capital de Pernambuco.

NOÇÕES DE SOTAQUE

Ao buscarmos pelo termo em dicionários *on-lines* da língua portuguesa, encontramos uma definição de “sotaque”, associada, em geral à “pronúncia própria de cada indivíduo, região” ou como “característica de um país, estado ou região” (DICIO, 2021, s.p.). Porém, ao recorrermos a sites especializados, para além dos conceitos popularmente conhecidos, encontramos também a ideia de que o sotaque “envolve aspectos linguísticos como o tom, inflexão ou pronúncia de cada lugar” (NEVES, s.d.).

A linguista Jânia Ramos também explica que os sotaques são traços indicadores de processos fonológicos gerais e de padrões prosódicos (1997, p.105). Trata-se, segundo a autora, de “um conjunto de hábitos articulatórios que conferem uma coloração particular, social, dialetal ou estrangeira à fala de cada indivíduo” (RAMOS; Lira; Roazzi, 2015, p.1987).

Mesmo entendendo a complexidade que reside na ideia de “sotaque”, assumimos tal noção, conforme os interesses deste estudo, a partir de dois aspectos principais, os quais estão interpostos e se complementam: o primeiro se refere a uma base de organização e qualificação, onde estão as particularidades linguísticas, relacionadas especialmente à fonologia e aos esquemas que organizam as informações sonoras da fala; o segundo aspecto diz respeito à identidade e relaciona o sotaque à construção do indivíduo enquanto ser social, parte de uma comunidade de falantes.

O sotaque constitui, portanto, uma espécie de mediação em nossas interações orais, pois se constitui tanto a partir de uma determinada organização linguística da fala quanto como um conjunto de aspectos da cultura de determinado grupo de falantes. Mesmo diante dessa conjuntura, é muito mais recorrente observarmos concepções pelo aspecto generalista sobre a ideia de sotaque, a qual permite o compartilhamento de expressões como “sotaque pernambucano”, por exemplo. Vale ressaltar que do ponto de vista linguístico e bibliográfico, não existe só um sotaque em Pernambuco.

Assim, de antemão, já é possível diagnosticar que quando se pretende representar os “sotaques do Brasil” a partir da seleção de um jornalista por estado, o aspecto propriamente linguístico do sotaque é negligenciado, permanecendo a ideia midiática de unidade linguística reproduzida nas telenovelas, por exemplo. Isso se torna evidente porque o sotaque também envolve aspectos linguísticas de funcionalismo, composição e organização, não somente fatores regionais generalizados.

ABERTURA E FECHAMENTO DAS VOGAIS /e/ E /o/ EM POSIÇÃO PRETÔNICA

Neste estudo foram levadas em consideração as vogais médias (/e/, /o/), cuja diferença de pronúncia se evidencia, por exemplo, quando pessoas de diferentes regiões conversam, já que, no Brasil, algumas localidades realizam mais a pronúncia das vogais

médias de forma alta e outras, de forma baixa. A primeira é pronunciada de forma fechada, limitando a abertura da boca para a passagem de ar, e a segunda de forma aberta, viabilizando uma maior abertura da boca e, conseqüentemente, uma maior passagem de ar.

Ao levar em consideração as especificidades da articulação fonética das vogais, especialmente em relação às pronúncias abertas e fechadas das vogais médias, é de extrema importância destacar que, quando em posição pretônica, ou seja, antes da sílaba tônica em uma palavra, as vogais estão sujeitas à variação (PAIM; ANJOS, 2015, p.141). As pretônicas são consideradas uma das marcas mais importantes para a divisão dialetal do Brasil (ARAGÃO, 2015, p. 242). Em função disso, são aqui consideradas como tópico de análise da performance linguística de Márcio Bonfim, representante do Pernambuco no JN.

De acordo com Antenor Nascentes, em seu estudo produzido nas primeiras décadas do século 20, os falares brasileiros se dispunham em dois grandes grupos, os do Norte e os do Sul, divisão corrente nesse período, antes da subdivisão do território nacional, o que ocorreu oficialmente em 1942⁷. Nesse sentido, o autor pontua que as vogais pretônicas abertas são típicas da pronúncia do Norte (e do Nordeste), com uma realização que promove um maior abaixamento da língua e, conseqüentemente, uma maior abertura da boca para a passagem de ar. O oposto é a classificação característica da região Sul (e Sudeste), onde é predominante a pronúncia de vogais em posição pretônica de forma fechada.

No que se refere a Pernambuco, existem estudos que também confirmam a ocorrência desse fenômeno nesse segundo mais populoso estado do Nordeste. Maria Cristina de Brito Rumeu, ao analisar a variação das vogais médias pretônicas na fala culta de Recife, por exemplo, confirmou o que Antenor Nascentes já afirmava nas primeiras décadas do século 20. A autora constatou, por meio de entrevistas, que “delineou-se um quadro de variação, predominando a realização aberta, das pretônicas médias na fala culta de Recife” (RUMEU, 2011, p.27).

Essa ocorrência em Recife, de acordo com Ana Carla Vogeley, Demerval da Hora e Marília Ana de Moura Aguiar (2011, p.75), no artigo “Aquisição e variação das

⁷ Segundo Oliveira, “foi durante o Estado Novo que o IBGE criou a primeira Divisão Regional do Brasil, dividindo o território nacional em cinco regiões: Norte, Nordeste, Leste, Sul e Centro-Oeste” (2002, s.p.).

vogais médias pretônicas”, acontece também por aderência no processo de construção da criança, já que o mesmo processo de variação encontrado no adulto é encontrado em pronúncia do grupo infantil da capital de Pernambuco.

Diante disso, constatamos que as vogais médias, compondo sílabas com pronúncia aberta, são predominantes em Recife. Isso se ratifica também em importantes estudos da área, como o de Jacyra Mota, intitulado “A fala nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia” (2008). Ao investigar esse fenômeno em particular, a autora aponta que “quanto ao timbre das vogais médias pretônicas [...], predominam na região Nordeste as variantes vocálicas abertas, como em t[ɛ]rreno, b[ɔ]tar” (2008, p.61). O estudo indica um percentual de ocorrência dessa realização vocálica em 58% para Recife.

A REALIZAÇÃO DAS CONSOANTES OCLUSIVAS LINGUODENTAIS (OU DENTOALVEOLARES) EM FALARES NORDESTINOS E DE PERNAMBUCO

Tendo em vista o segundo critério de análise do *corpus* deste estudo, é necessário ressaltar que existem pontos e modos de articulação na pronúncia de cada consoante e que essas podem variar de acordo com a localidade, região do falante. Essas variações são frutos das diferentes construções sociais do indivíduo, dentro dos determinados grupos. Tantos os modos, quantos os pontos de articulação podem estar interligados, já que o primeiro se refere ao tipo de obstrução do ar no trato vocal e o segundo se refere ao local de contato dessa obstrução. Diante disso, vale destacar que em algumas regiões do Brasil há o predomínio de algumas articulações específicas, o que as caracterizam.

Ao descrever o sistema consonantal do português Callou e Leite (2009, p.73) apontam a variação sistemática que ocorre com as consoantes /t/ e /d/, a depender do contexto fônico e da região do falante. Essas consoantes, de acordo com os autores, são pertencentes ao grupo das oclusivas. Isso quer dizer que “são produzidas através de uma obstrução total e momentânea do fluxo de ar nas cavidades supraglotais realizada pelos articuladores” (BATISTA, 2019, p.31). Como o próprio nome sugere, são consoantes pronunciadas através de uma oclusão ou barreira que pode ser feita pelos lábios, pela

língua ou pela glote. Em relação ao ponto de articulação, há uma variação, muito associada a determinadas regiões brasileiras.

Quando estão diante da vogal alta /i/, seja fonológica (como em “dia”) ou derivada (como em “noite”, com a pronúncia do /e/ = /i/), esses fonemas podem ser combinados com uma consoante fricativa, o que provoca um som mais chiado, no mesmo ponto de articulação. Essa variação aparece como marca de determinados sotaques brasileiros, conforme destaca Batista (2019, p.37):

Na cidade do Rio de Janeiro e região metropolitana, o sotaque carioca ocorre a palatalização do /d/ e /t/ para as africadas palato-alveolares [dʒ] e [tʃ] quando antes de /i/, por exemplo, nas palavras ‘diga’ [dʒiga]; ‘antigo’ [anfʒigo].

No sotaque nordestino[...] as consoantes são caracterizadas por não apresentarem palatalização em /d/ e /t/ antes da vogal /i/ e da semivogal /j/, mesmo em sílabas finais ‘de’ e ‘te’ [...]

Assim, em palavras como tia e dia, por exemplo, a realização palatalizada (ocorre quando ao falar, a língua encosta no palato, na parte superior da boca), o que resulta na pronúncia do /t/ como se a ele fosse agregado um “ch”, resultando em algo como “tchia”, e do /d/ como se houvesse um “j”, resultando em “djia”. Esses sons são realizados como consoantes africadas. Embora essa pronúncia seja acentuada em falares cariocas, como ressalta a autora, ela pode ser verificada também em Salvador e em outras regiões da Bahia. Porém, em Recife, capital pernambucana, esse fenômeno é menos frequente e os sons /t/ e /d/ são pronunciados como linguodentais (ou dentoalveolares). Nesse aspecto, o som é produzido com menos chiado, ou quase nada. O som da sílaba é emitido com mais impacto, o que, de acordo com a bibliografia levantada, caracteriza o sotaque recifense.

MÁRCIO BONFIM: O PERNAMBUCANO DE SÃO PAULO

Márcio Bonfim foi um dos selecionados para compor a bancada do Jornal Nacional como parte das comemorações dos 50 anos do telejornal da TV Globo e, conseqüentemente, performar um dos sotaques do Brasil, como informado em discurso oficial pela emissora carioca. O jornalista, que apresenta o NE1, programa jornalístico

da TV Globo Nordeste, foi anunciado como representante do estado de Pernambuco.

É curioso observar que Bonfim nasceu em 1980 no município de Álvares Florence, no estado de São Paulo, onde também foi criado e graduado em jornalismo, em 2001, em um Centro Universitário paulista. Ele começou sua carreira na área como locutor de rádio, mas foi na televisão que se consolidou como profissional de jornalismo.

Com passagens pela TV experimental da instituição de ensino onde estudou, pelas emissoras educativas TV Cultura e TVE, do Rio de Janeiro, TV Itapetininga, de São Paulo, e pela TV Integração, de Minas Gerais, o apresentador acumulou experiência no âmbito do telejornalismo na região Sudeste. Ele foi para Recife em 2006 e, desde então, integra o quadro de apresentadores da maior emissora de Pernambuco, a TV Globo Nordeste. Foi como profissional vinculado a essa afiliada da Rede Globo que Márcio Bonfim foi convocado à bancada do Jornal Nacional como representante do “sotaque pernambucano” no Especial de 50 anos do JN.

Para verificar sua performance linguística no programa, analisamos a participação do apresentador na primeira edição do projeto, que foi ao ar no dia 31 de agosto de 2019, conduzida por ele e pela representante do Rio Grande do Sul, Cristina Ranzolin. O vídeo com a edição está disponível no Globoplay, apenas para assinantes, mas também pode ser acessado gratuitamente no Youtube, no Canal Depoimentos Reais News.

Na análise da pronúncia das vogais médias em posição pretônica, foram catalogadas 37 palavras. Desse total, 4 foram emitidas na escalada; 12 no primeiro bloco; 5 no segundo bloco; e 16 no terceiro bloco. Ao observar a fala do apresentador, constatamos a realização fechada em 100% das palavras, conforme demonstra o quadro 1. Trata-se de uma pronúncia mais próxima dos falares das regiões Sul e Sudeste, o que se explica pela origem do apresentador.

	PALAVRA CATALOGADA	PRONÚNCIA
ESCALADA		
1	feridos	feridos [e] - pretônica fechada
2	região	região [e]
3	medalhas	operação [o] pretônica fechada
4	medalhas	medalhas [e]
BLOCO 1		
1	edição	edição [e]

2	informações	informações [o]
3	Carolina	Carolina [o]
4	Nordeste	Nordeste [o]
5	levaram	levaram [e]
6	produção	produção [o]
7	noventa	noventa [o]
8	energia	energia [e]
9	eólica	eólica [e]
10	gerados	gerados [e]
11	região	região [e]
12	renovável	renovável [e]
BLOCO 2		
1	serviço	serviço [e]
2	exame	exame [e]
3	detectar	detectar [e]
4	pesquisadores	pesquisadores [e]
5	Recife	Recife [e]
BLOCO 3		
1	importância	importância [o]
2	protestos	protestos [o]
3	revidou	revidou [e]
4	manifestações	manifestações [e]
5	manifestantes	manifestantes [e]
6	referência	referência [e]
7	entrevistas	entrevistas [e]
8	voltamos	voltamos [o]
9	medalha	medalha [e]
10	superando	superando [e]
11	delegação	delegação [e]
12	medalhas	medalhas [e]
13	liderança	liderança [e]
14	Ceará	Ceará [e]
15	especial	especial [e]
16	Pernambuco	Pernambuco [e]

Quadro 1 - Ocorrência das vogais médias pretônicas na fala de Márcio Bonfim

A observação do Quadro 6 indica que a performance do apresentador se distancia da realidade fonética do estado que ele representou. Em outras palavras, Márcio Bonfim não realizou o chamado “sotaque pernambucano” – proposta do programa. A constatação se dá diante do que registram os vários estudos voltados para o fenômeno da abertura das vogais médias, quando em posição pretônica, como uma das principais características dos falares do Nordeste (NASCENTES, 1953 [1922] apud ARAGÃO, 2015), e com um percentual alto de ocorrência em Recife (MOTA, 2008).

Para além da constatação de que o sotaque de Márcio Bonfim é mais característico do Sudeste, nos chama a atenção a pronúncia de “Nordeste” e “Recife”, palavras que se referem, respectivamente, ao estado e à região que supostamente ele

representa, com carga semântica de pertencimento e de representatividade, mas que também foram pronunciadas com a vogal fechada, uma ocorrência atípica não só nos falares de Pernambuco, como também dos outros estados do Nordeste.

Quanto à ocorrência das consoantes linguodentais, foram catalogadas, na fala do âncora, 21 palavras. Destas, 4 foram registradas na escalada; 3 no primeiro bloco; 8 no segundo bloco; e 6 no terceiro bloco do programa. O quadro 3 demonstra as ocorrências.

	PALAVRA CATALOGADA	PRONÚNCIA
ESCALADA		
1	notícias	notícias [tʃ] (pronúncia africada)
2	dia	dia [dʒ] (pronúncia africada)
3	tiro	tiro [tʃ]
4	noite	noite [tʃ]
BLOCO 1		
1	iniciativa	iniciativa [tʃ]
2	tinta	tinta [tʃ]
3	identificar	identificar [tʃ]
BLOCO 2		
1	tragédia	tragédia [dʒ]
2	brumadinho	brumadinho [dʒ]
3	identificação	identificação [tʃ]
4	justiça	justiça [tʃ]
5	democrático	democrático [tʃ]
6	ritmo	ritmo [tʃ]
7	nordestino	nordestino [tʃ]
8	tiros	tiros [tʃ]
BLOCO 3		
1	investigação	investigação [tʃ]
2	de	de [dʒ]
3	sete	sete [tʃ]
4	sétima	sétima [tʃ]
5	Curitiba	Curitiba [tʃ]
6	Atlético	Atlético [tʃ]

Quadro 3 - Ocorrência das consoantes /t/ e /d/ antes de /i/ fonológico ou derivado na fala de Márcio Bonfim

Como anotado por Jacyra Mota (2008, p.66), a articulação dental das consoantes /t/ e /d/, antes da vogal alta /i/ é a realidade de boa parte das capitais do Nordeste, como ocorre em Recife, por exemplo. Assim, a pronúncia de palavras que contêm essas consoantes precedendo a vogal alta fonológica /i/, ou a derivada /e/ (ou seja, com o som de /i/), eleva a língua até tocar a arcada dentária superior (linguodental) e, conseqüentemente, produz um som mais seco e sem perspectiva de realização sonora da

combinação com outras vogais (fricativas) é uma característica da capital de Pernambuco.

Tendo isso em vista, é possível observar que a performance linguística de Bonfim no Especial de 50 anos do JN foge também dessa importante característica do falar recifense e pernambucano – e que, inclusive, diferencia o sotaque da capital pernambucana do de alguns outros estados do Nordeste.

Na edição analisada, de um total de 21 palavras catalogadas com a presença das consoantes /t/ e /d/, todas foram emitidas de forma africada, ou seja, com um som mais chiado na pronúncia, o que corresponde a 100% das ocorrências. Esse fenômeno, como também colocado por Mota (2008, p.66), é mais comum em algumas capitais do Sudeste.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do presente estudo, que como mencionado anteriormente, faz parte de um estudo maior, teve como principal interesse investigar como o sotaque foi performado por Márcio Bonfim, representante de Pernambuco, na edição de abertura do Especial de 50 anos do JN, projeto que teve como principal proposta apresentar “a história e o sotaque de cada estado brasileiro” (VASCONCELLOS, 2019, s.p.).

Esse posicionamento aponta para uma concepção de sotaque, como discutimos, desligada de concepções linguísticas propriamente ditas, visto que, há muito tempo, os estudiosos já assinalam as variações que coexistem em uma mesma região. Assim, a forma como o telejornalismo da Globo aborda o sotaque se aproxima do senso comum, fundado em construções culturais simplificadas, representativas de áreas mais prestigiadas – por exemplo, quando tomam o sotaque recifense como representante de um “sotaque pernambucano”, desconsiderando as muitas variações existentes em um estado.

É necessário destacar que Bonfim performou um sotaque, já que, de acordo com a linguística, não existe falante inserido em grupos sociais que seja desprovido de traços fonéticos que são característicos de uma região. No entanto, no que se refere à ideia de representar o “sotaque pernambucano”, as análises, bem como a bibliografia consultada, refutam essa possibilidade, dadas as diferentes variáveis que participam da

formação dos indivíduos e seus grupos linguísticos de origem.

Assim, do ponto de vista telejornalístico, a participação de Márcio cumpriu os rituais padronizados pelo telejornal. Do ponto de vista fonético, entretanto, a própria proposta do Especial de 50 anos do JN se mostra irrealizável. Ao verificar a fala de Bonfim, por exemplo, levando em consideração tanto a ocorrência das vogais médias em posição pretônica quanto a articulação fonética das consoantes /t/ e /d/ antes da vogal alta /i/ (fonológica ou derivada), é perceptível, tomando os estudos sobre os sotaques do Brasil, que a performance do representante de Pernambuco não foi sequer o comumente identificado no falar recifense. Por isso, a ideia que se firma diante disso é que a Rede Globo não se atentou às especificidades linguísticas para uma representação mais efetiva dos sotaques do Brasil, em especial o pernambucano, foco de análise deste trabalho.

Uma outra certificação, levando em consideração os pontos já mencionados, é que, diante das tentativas de suavização do sotaque promovida pela Rede Globo por tanto tempo, principalmente para as transmissões em rede, como no caso do Jornal Nacional, a proposta do Especial de 50 anos quebra um paradigma da própria emissora, ao menos enquanto proposta. Mas de forma literal, do ponto de vista linguístico, a empreitada é insustentável.

Os aspectos mencionados anteriormente também nos convidam a refletir sobre como o jornalismo se relaciona com o uso da língua. Mesmo sendo esta parte essencial do fazer telejornalístico, há uma simplificação na abordagem de aspectos linguísticos quando uma atração jornalística tem a pretensão de levar para sua bancada os sotaques do Brasil – que tem uma variação linguística até hoje oficialmente incatalogável.

É importante ponderar também que o processo de suavização dos sotaques, principalmente do nordestino, os que mais sofrem preconceito linguístico (Bagno 2003), afeta até hoje a dedicação de jornalistas para a garantia de vagas na apresentação de uma atração jornalística nacional, já que o sotaque é inerente à condição de falante e ainda existe a reverberação de que as características fonéticas atrapalham o entendimento do acontecimento jornalístico pelo processo de emissão vocálica.

Assim, ainda que a convocação do JN se concretize como válida para a quebra de paradigmas e para a revisão de estereótipos construídos acerca principalmente dos sotaques do Nordeste, fica firmada a necessidade de o telejornal desenvolver estratégias

que envolvam uma maior atenção linguística para o cumprimento efetivo para proposta de representação de sotaques do Brasil.

Finalmente, assinalamos que o presente estudo recortou dois importantes tópicos de análise – as vogais médias em posição pretônica e as consoantes linguodentais (ou dentoalveolares) diante do /i/ fonológico ou derivado –, os quais contam com especificidades fonéticas que caracterizam a região foco deste trabalho. Um aumento do escopo de análise pode reverberar mais discussões e pode reforçar ou contrapor as conclusões aqui abordadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. As vogais pretônicas no falar nordestino: os dados do ALiB. **Portal ALiB**, 2015. Disponível em: https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/maria_do_socorro_silva_de_aragao_pegar_pdf.pdf. Acesso em: mar. 2021.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: ciência e senso comum na educação em língua materna. Revista Pedagógica. Brasília, set. 2006 [s.m.r.]. Disponível em: www.marcosbago.com.br. Acesso em: mar. 2021.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz. 49. ed. São Paulo. Edições Loyola, 2007.

BATISTA, Nathalia Alves Rocha. **Estudo sobre identificação automática de sotaque regionais brasileiros baseada em modelagens estatísticas e técnicas de aprendizagem de máquina**. (Dissertação) - Mestrado em Engenharia Elétrica, na área de telecomunicações e telemática, da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2019.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: mar. 2021.

JORNAL NACIONAL - 50 Anos: apresentação de Carlos Tramontina (SP) e Priscilla Castro (PA) ao público (27/09/2019). YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xGCvjLzQR20>.

LIRA, Zulina de S.; RAMOS, Luciana de M.; ROAZZI, Antonio. 2015. Sotaque e telejornalismo: representações de comunicadores de mídia nordestinos. **Rev. CEFAC** [online]. 2015, vol.17, n.6, p.1987-1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rcefac/v17n6/1982-0216-rcefac-17-06-01987.pdf>. Acesso em: nov. 2020.

MENDES, Conrado M. **O falar do Jornal Nacional**: produção e recepção de um sotaque de natureza ideológica (2006). (Monografia) Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.

MOTA, Jacyra. Aspectos fônicos do Nordeste a partir de dados do ALiB (2008). In: In: LOPES, Norma da S.; SANTOS, Elisângela S. dos; CARVALHO, Cristina S. de. **Língua e sociedade**: diferentes perspectivas, fim comum. São Paulo: Editora Blucher – Open Access [formato E-book em pdf], 2019. Disponível em: https://www.blucher.com.br/livro/download_remote_file/?path=https://editor.blucher.com.br/uploads/product/presspdf/1576.pdf. Acesso em: maio 2021.

NEVES, Flávia. Vogais e consoantes. **Norma Culta**. Disponível em: <https://www.normaculta.com.br/vogais-e-consoantes>. Acesso em: mar. 2021.

PAIM, Marcela M.T.; ANJOS, Vitor M. dos. O açamento das vogais médias pretônicas em Salvador (BA). **Caderno de Letras**, n.24 - Fonologia: Variação, Aquisição, Teoria Fonológica, 2015, s.p. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/7297/5110>. Acesso em: jun. 2021.

PRIOLLI, Gabriel: Antenas da Brasilidade. In: BUCCI, Eugênio (Org). **A TV aos 50**: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Jornal Nacional**: a notícia faz história/Memória Globo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

RUMEU, Márcia Cristina de B. Uma breve incursão pela fala culta recifense: vogais médias pretônicas à luz da sociolinguística. Revista **Caligrama**. Vol. 17, n.2, Belo Horizonte, 2012, p. 7-30. Disponível em http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/marciarumeu/RumeuCaligram a2012.pdf. Acesso em maio 2021.

VIANA, Vanessa Faria. **As vogais médias pretônicas em Pará de Minas**: Um caso de variação lingüística. (Dissertação). Programa de Pós-Graduação em Letras PUC-Minas. Belo Horizonte, 2008.

VOGELEY, Ana Carla; HORA, Demerval da; AGUIAR, Marígia, Ana de M. Aquisição e variação das vogais médias pretônicas. **Revista Diadorim**, Vol. 8, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufjf.br/index.php/diadorim/article/view/7959/15690>. Acesso em: mar. 2021.